

O AUTISMO A PARTIR DA PERSPECTIVA DE TEMPLE GRANDIN

Genuina Dalberto¹

Colaborações de Dr. Ph.D. Temple Grandin

O autismo é uma das doenças neurológicas mais comuns da família de transtornos invasivos de desenvolvimento (TID), conhecido também por *autismo infantil*, *autismo da infância*, *transtorno autístico* e *autismo infantil precoce*. Apesar da ampla discussão e pouco sucesso quanto as causas desse distúrbio, muitas particularidades podem ser controladas e até modificadas. Exemplo disso é a americana Dra. Temple Grandin, uma das autistas mais bem sucedidas do mundo, que recentemente esteve em Itapiranga, SC, pela Faculdade de Itapiranga (FAI), como principal palestrante da Conferência Internacional do Bem-estar Animal. Em vista disso, objetiva-se ressaltar aspectos caracterizantes da doença, com ênfase para as abordagens feitas pela Dra. Grandin em sua palestra sobre autismo.

Uma pensadora em imagens, é assim que a Dr. Grandin se apresenta. E explica que autistas assim, visualizam específicas figuras como se fossem resultado de uma busca por imagem no Google, em que cada imagem aparece de uma vez. De modo geral, a mente autista tende a ser muito boa em uma coisa, e ruim em outra. Variando de casos mais severos em que as crianças não falam, até aqueles em tornam-se brilhantes cientistas e engenheiros.

Enquanto o cérebro normal ignora os detalhes, a mente autista detém-se a esses. Nos Estados Unidos, essas pessoas, popularmente intituladas “*nerds*”, possivelmente têm um grau muito leve de autismo conhecido por Doença de Asperger. Nesse sentido, Mozart, Einstein e Tesla, por exemplo, também assim teriam sido diagnosticados. Contudo, prejuízos em termos de comunicação e comportamentos repetitivos podem ocorrer em alguma proporção à todas as formas de autismo.

Em relação as formas como os autistas podem pensar, Dr. Grandin evidencia três:

1. Foto-realísticos pensadores visuais, os quais tendem a ser ruins em álgebra;

¹ Médica Veterinária e Bacharel em Administração. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Agronegócios, UFSM. Email: genuinadalberto@globocom.com.

2. Pensadores em padrões, como música e matemática, tendem a ter problema com leitura
3. Mente verbal, capaz de reter detalhes de muitas informações, porém com dificuldade para desenhar por exemplo.

Além disso, independente da forma de pensar, o autista pode ser sensível em diferentes níveis, a luz fluorescente, ao som, etc.

Em 1966, um primeiro estudo epidemiológico em Middlesex, Londres, por Victor Lotter, constatou índice de prevalência de 4,5, entre 10.000 crianças com idade entre 8 e 10 anos. A partir disso, dezenas de estudos têm sido realizado ao redor do mundo, demonstrando aumento da prevalência. Dentre os prováveis motivos estão: a) progresso da conscientização da comunidade e dos médicos acerca das formas como a doença se manifesta; b) reconhecimento do autismo como doença de amplo espectro de condições; c) casos de ausência de retardo mental passaram a ser melhor detectados; d) reconhecimento da possibilidade de minimizar desfechos negativos por identificação precoce da doença; dentre outros (PAULA et al., 2011).

Pesquisas acerca do autismo, e experiência positivas como a da Dra. Temple Grandin têm refletido nos avanços em termos de diagnósticos. Assim, também é maior o número de profissionais com conhecimentos sobre a doença, e a preocupação dos serviços públicos de saúde. Além disso, alguns cuidados podem transformar a experiência do aluno autista em uma oportunidade de modificação da doença. Tais como, a escolha de bons mentores, professores pacientes e compreensivos quanto as manifestações da doença; a identificação cuidadosa dos tipos de estimulação que causam dores e consequentemente levam a crises; desenvolvimento dos pontos fortes, ou aquilo para o que as crianças demonstram mais interesse;

Em colaboração a esse artigo, Temple Grandin enviou algumas dicas para os pais de crianças com idade entre 3 e 4 anos, que ainda não falam, as quais recomenda sejam seguidas;

1. Vinte horas de aulas individuais por semana;
2. Não permitir que a criança passe horas olhando TV, usando telefones, e/ou tablets;
3. Ensinar à criança como se revezam ao jogar um jogo;

4. Falar lentamente com a criança, para que ela possa ouvir com mais facilidade;
5. Incentivar a criança a usar suas próprias palavras. Aguardar até que ela responda. Uma criança autista pode precisar de mais tempo para falar suas palavras;
6. Além disso, desenvolva os pontos fortes da crianças. Se elas forem boas em artes, então expanda sua habilidade em arte. Outra, no entanto, pode ser boa em música ou matemática. Mantenha a atividade em que são bons, os encorajando a tornarem-se melhores.

É de valia salientar que é entre 7 e 9 anos de idade que a área de aptidão da criança autista surge, isso pode auxiliar os pais a identificarem esses pontos fortes. A fase da vida da pessoa autista também deve ser observada em termos de estimulação. Quando adultos, podem ser encorajados a trabalharem realizando atividades com as quais tem habilidades, segundo sua forma de pensar. Alguns indivíduos podem ser bom em lojas de varejo, em memorizar informações de produtos, e até localizações geográficas, mapas, etc.

Nesse contexto, é nítida a capacidade das pessoas com autismo em contribuir para um mundo melhor, incluindo invenção de novas tecnologias e nas artes. Temple Grandin, estima também que metade das pessoas da indústria de computadores tem algum grau de autismo. Portanto, há muitas pessoas autistas atuando em diferentes ramos de atividades, algumas menos sociáveis, mas com elevadas habilidades de pensamento. Assim, espera-se que num futuro próximo, os avanços genéticos possam auxiliar no diagnóstico e no tratamento do espectro autista.

REFERÊNCIAS

PAULA, C. S. et al. Autism in Brazil-perspectives from science and society. Revista da Associação Médica Brasileira; 57(1):2-5, 2011.

Agradecimentos: agradecemos as contribuições da Dra. Temple Grandin via e-mail para com a construção desse artigo.